

Alguém tem que Morrer

Profa. Maria Amália Longo Tsuruda¹,

sob inspiração da **Ifigênia em Áulis** e da **Medéia** de Eurípides, o
“*cavaleiro da paixão*”, que nos ensinou a patologia do amor,

mas trata-se apenas de uma inspiração. Este texto foi elaborado com o objetivo de ser apresentado como um exercício cênico na *VI Semana de Estudos Clássicos da FEUSP* e utiliza as figuras de Ifigênia e Medéia como pretexto para a discussão sobre o papel da mulher na sociedade grega clássica. O casamento e a geração de filhos legítimos, meta primordial na vida das mulheres, é exposto por meio das esperanças de uma donzela, Ifigênia, que pensa estar prestes a casar e por Medéia que, por sua vez, dissecas as decepções de um casamento falido.

Ifigênia e Medéia são duas mulheres completamente diferentes. Ifigênia é a jovem inocente que sonha com as promessas de um futuro totalmente previsível e Medéia é a mulher que, conhecendo uma realidade muito cruel, relembra seu passado. Ifigênia é a típica donzela grega e Medéia é, há um tempo, mulher e figura semidivina, feiticeira e estrangeira, portanto, uma *estranha*.

Trata-se de dois monólogos e as personagens nunca se comunicam, mas, do contraste estabelecido por suas considerações espera-se, dentro da melhor tradição do teatro ático, que os espectadores reflitam a respeito do que era o casamento na sociedade grega da época.

¹ Doutoranda em História e Historiografia pela FEUSP.

Para esse exame da instituição do casamento, as falas de Ifigênia aglutinam passagens de Homero sobre as funções a serem exercidas pela mulher na dinâmica social da família e o seu papel econômico dentro da *oikos*, que pouco mudaram até o século V a.C.².



Carolina Damasceno Ramos (mestranda, no papel de Ifigênia) e Maria Amalia L. Tsuruda (doutoranda, no papel de Medéia) em um exercício cênico, realizado no dia 27 de abril de 2007 no auditório da Escola de Aplicação da FEUSP, como atividade da VI Semana de Estudos Clássicos e Educação da FEUSP

No caso de Medéia, o texto remete ao mito, que esclarece o trajeto percorrido por essa personagem que tudo abandona em nome da paixão e não conhece qualquer limite quando se trata de agir em nome do amor.

² A grande mudança que poderíamos apontar é o quase total desaparecimento da função do casamento como elemento de criação de alianças políticas.

Entra Ifigênia. Feliz. Ela é jovem, confiante e está eufórica com a proximidade do casamento.

IFIGÊNIA – *(dirige-se ao público)* – Olá! Quem são vocês? *(coloca a trouxa no chão)*. Ah! Estou reconhecendo... São os guerreiros de meu pai, Agamêmnon... Eu sou Ifigênia... Acabei de chegar. Vim a Áulis a chamado de meu pai. Vou casar com Aquiles!!!!

Medéia sai da sombra.

MEDÉIA – *(dirige-se ao público)* – O que temos aqui? Guerreiros gregos! *(riso irônico)*. Como disse um orador, nestas regiões, se você levantar uma pedra, inevitavelmente encontrará escorpiões... Ou um grego!

IFIGÊNIA – Eu estou tão animada! *(senta no chão e começa a mexer nos itens de enxoval que tem na trouxa)* Casar! Era tudo o que eu queria, que eu esperava, afinal, esse é o destino da mulher! Por que vocês pararam aqui? Ninguém responde? Ah! Já sei! Foi para o meu casamento!

MEDÉIA – *(joga a trouxa no chão)* Inferno de destino! Tudo o que existe para a mulher é o casamento e a procriação. Eles dizem que, enquanto enfrentam a morte nas guerras nós ficamos protegidas em casa. Mas qualquer mulher concordaria em trocar de lugar com eles, se pudesse escolher entre ir para a guerra ou parir uma criança... Aqui na Grécia uma mulher não existe se não tiver um tutor, um homem que tome todas as decisões e assuma todas as responsabilidades, como se ela fosse uma criança grande, uma desmiolada incapaz de cuidar da própria vida! E pensar que houve um momento em minha vida que cheguei a sonhar com isso, ser somente mais uma mulher qualquer! Mas eu não sou uma qualquer, eu sou Medéia, a princesa da Cólquida e, apesar disso, sou considerada uma estranha, uma estrangeira e aqui sou tratada como um nada e por quem? Por um homem que é um nada! Eu, que pertencço a uma linhagem ilustre de feiticeiras e sou sobrinha de Circe!

IFIGÊNIA – Não pensem que eu sou uma simples donzela e não tenho importância... Porque eu sou muito importante! Por meio do trato de casamento, meu pai estabeleceu um vínculo com a família de Aquiles e, quando ele precisar, terá o apoio do povo dos Mirmidões para as suas guerras, porque ele forneceu uma esposa para a casa real de Peleu, meu sogro! Quer dizer, meu futuro sogro! *(risos)* *Retira da trouxa uma grinalda e coloca nos cabelos.*

MEDÉIA – Eu cuido da minha vida! Não esperei que meu pai escolhesse marido para mim, eu mesma tomei o meu destino nas mãos! Eu escolhi meu marido! E com isso, liguei nada a ninguém!

IFIGÊNIA – Mas só vejo homens... Como resolverei o problema dos ritos? É claro que as casas serão substituídas pelas barracas do acampamento guerreiro, que fazer? Sairei da barraca de meu pai e, sobre o carro de guerra de meu noivo e ao lado dele, abrirei um cortejo que mostrará os itens de meu enxoval! Quem cantará os epitalâmios? Será que conseguirei arrumar, no meio desse exército, um grupo de donzelas para cantar os cantos nupciais, junto com os amigos do noivo? Será que a minha sogra estará me esperando com as duas tochas que representam a presença da deusa Hécate? Ai... Não vou pensar nisso! A minha mãe resolve... Porque a minha mãe também está aqui! Sabiam?

MEDÉIA – Por amor ao meu homem abri mão de todos os sonhos tolos que povoam a mente das donzelas. No meu caso, não houve um contrato entre as famílias, não houve troca de presentes, presentes inúmeros na forma de cabeças de gado por parte do noivo e presentes resplandcentes da família da noiva. Ninguém participou de uma procissão nupcial, nem se ouviram os cantos que celebrassem a união. Não fui recebida à porta da casa da família por uma sogra, não fui adornada com os colares que propiciam a fertilidade, não tive um banquete nupcial e não comi os alimentos rituais. Eu simplesmente me juntei ao meu homem e fugi. Por força da paixão esqueci quem era, esqueci a minha linhagem e fugi como uma vadia qualquer, me enfiei num navio cheio de homens e fui! Mas eu não sou uma vadia, eu sou neta do sol e sacerdotisa de Hécate!

IFIGÊNIA – Minha sogra... (*risos*) Minha sogra é uma deusa, a deusa Tétis! E que noivo... Aquiles é um herói! E não é qualquer herói não, é o maior de todos, o mais belo, o melhor atleta, o guerreiro mais temível, invencível, modelo para os jovens, herdeiro do reino de Ftia, comandante de naus e homens!

MEDÉIA – A **minha** linhagem é divina! Herói! Quem, conhecendo a história, teria a coragem de dizer que Jasão é um herói? Ele tinha que buscar o velocino de ouro, a pele de um carneiro mágico que pertencia a meu pai. Só conseguiu chegar a Cólquida pela ajuda que recebeu dos outros Argonautas e só venceu as provas e conseguiu pegar o pelego porque eu resolvi o problema por meio das mágicas e saberes de que sou detentora. E agora... O que é que ele faz? Como ele paga tudo o que fiz em nome da paixão e tudo o que abri mão para que ele, que é um incapaz, um coisa nenhuma, fosse o grande Jasão?

IFIGÊNIA – Eu serei uma presença benigna na vida de meu marido. Cuidarei de sua casa, serei a guardiã de seus tesouros e, quando ele for para a guerra, administrarei os trabalhos do palácio e das fazendas. Distribuirei as tarefas entre os escravos e administrarei a justiça para eles. E sentarei no salão do palácio, rodeada de minhas

escravas fiéis. Ao lado da lareira fiarei em uma roca de ouro a lã para a confecção dos tecidos. E com o meu corpo fiarei o fio da vida e aumentarei a casa de Aquiles com filhos e filhas. E por toda a minha existência cuidarei da ordem da vida, protegendo as crianças e honrando os velhos na figura de meu sogro, Peleu, e, quando a morte para ele chegar, amorosamente lavarei e prepararei o seu corpo para a sua última viagem, amortalhando com um sudário que eu mesma tecerei, como cumpre a uma boa nora. Agindo assim, sempre haverá um lugar para mim no mundo. E eu envelhecerei aconchegada na felicidade de minha família!

MEDÉIA – Por esse homem rompi todas as barreiras, ultrapassei todos os interditos, trai a minha família, matei! Quando abandonamos a Cólquida a bordo da Argo, meu pai, o rei Eetes, colocou seu exército em nosso encalço. *(abre a trouxa e exhibe panos sujos de sangue- voz conformada)* Na fuga levei junto Apsirto, meu irmão pequenino. Na iminência de sermos pegos, que fazer? Matei Apsirto e fui espalhando os pedaços de seu corpo pelo mar. Como é necessário enterrar os mortos depois de recompor os seus corpos, isso atrasou sobremaneira o exército... *(risos)* Escapamos! Mas quando chegamos com o velocino de ouro a Iolcos, terra natal de Jasão, seu tio Esão, que usurpara o trono de meu marido, negou-se a desocupar a cadeira... *(risos)* Eu não sou tola, vejam o que fiz: chamei as filhas de Esão e diante delas matei um carneiro muito velho, piquei em pedaços, coloquei em um caldeirão fervente e, depois de algumas palavrinhas que só eu sei, de dentro do caldeirão surgiu um cordeirinho de dias! *(risos)* O que posso fazer se da cabeça de desmioladas surgem idéias malucas? *(risos - cínica)* Infelizmente a sopa de rei não agradou o paladar dos cidadãos de Iolcos... Tivemos que fugir e nos refugiar em Corinto. Lá nasceram nossos filhos e levávamos uma vida sossegada, mas vocês pensam que isso contentou Jasão? Esse idiota incapaz, insensível e interesseiro, cheio de sonhos de grandeza?

IFIGÊNIA – (começa a ficar desconfiada) Espera aí! Tem alguma coisa estranha nessa história! Para que esse machado? Cadê a minha mãe, cadê o meu noivo? Cadê os objetos para o ritual do casamento? *(torce as mãos em desespero)* O que vocês vão fazer com essas cordas? Por que se acercam de mim com esse semblante duro, os olhos com um brilho determinado? O que vocês vão fazer comigo?

MEDÉIA – E depois de tudo isso, depois de tudo o que eu fiz por ele, ele descumpriu os juramentos! Juramentos que fez a Hécate! Ele entrou em casa e, com a mesma voz que usaria para comunicar que comprou enguias para o jantar, anunciou que vai casar com a filha do rei e que eu e as crianças devemos fazer o favor de sumir da vida dele e da cidade! Ah! Ele é cínico! Acreditam vocês que ele afirma que fez isso, não para atender à sua luxúria, nem por sonhos de poder, mas apenas no interesse de nossos filhos? Porque, segundo ele, nossos meninos lucrariam sendo meio irmãos de príncipes. Cachorro!

IFIGÊNIA – O que vocês vão fazer com essas cordas? Amarrar-me? Por que? Tirem as mãos de mim! Não!!!! Eu não quero morrer!!!! Por que eu tenho que morrer? Por que estou sendo transformada em vítima de um sacrifício à Ártemis? Para pagar um antigo erro de meu pai? Não!!!! Pai!!!! Papai!!!! Paizinho!!!! Não me mate!!!! Eu sou a tua Ifigênia! A tua primogênita! Papai!!!! Olha para mim!!!! Sou eu! Tua filhinha! Eu não sou uma bezerra, uma corça, um animal para sacrifício! Sou Ifigênia!!!!

MEDÉIA – Acho até que, para ele, seria melhor que eu morresse! Mas, por que eu deveria morrer? Só para cumprir o destino das rainhas desgraçadas? Será que ele pensa que sou uma Fedra, uma Dejanira? Ele está muito enganado! Eu não vou me enforcar com um cinto! Eu sou Medéia! *(tom de dúvida)* E o que eu faço? Fico e vivo na desonra, ou parto para sempre? Pois recebi uma ordem do rei para partir... E para onde eu poderia ir? *(risos – cínica)* Para a casa de meu pai, a mesma casa para onde enviei os despojos esquartejados de Apsirto, que mataram a promessa de continuidade da linhagem de Eetes? Ou para Iolcos, onde ainda se sente o cheiro de carne humana cozida? *(desesperada)* E como Jasão, o amor de minha vida, como, como ele pode concordar com isso? *(determinada)* Mas deixe estar... Eu e as crianças sumiremos da vida dele. Só que vai ser sob os meus termos!

IFIGÊNIA – *(levantando com um pulo)* Afastem-se de mim!!!! Afastem essa mordaca!!!! Eu não vou ser tratada como se fosse um animal! Eu sou apenas uma donzela, mas eu também tenho honra! Eu devia ser como a aurora de um novo dia, mas vejo que na verdade a minha vida chegou cedo demais ao crepúsculo! Eu uso o vestidos amarelos da cor do açafrão, mas devia estar amortalhada, pois eu já morri, eu apenas não sabia!

Medéia retira o tule negro dos cabelos e joga no chão. Ifigênia se cobre com o tule, como velada.

MEDÉIA – Será que Jasão pensa que as mulheres não têm honra? Pois eu vou fazer com que ele descubra o quanto custa desonrar uma mulher como Medéia! Essa princesinha de Corinto, essa bobinha pensa que vai ser feliz, que vai formar uma família com Jasão, que vai ter filhos com ele? Na posteridade nem ao menos vai se saber ao certo qual era o nome dela. Eu disse **era**? Sim, porque ela já morreu, ela só não sabe disso. A minha vingança será tão terrível que, para ela teria sido melhor nunca ter nascido. Jasão? Jasão ficará vivo para sofrer... A casa dele será vazia, e mulher nenhuma terá coragem de se deitar com o homem de Medéia. Negarei a ele a posteridade, valor caro aos gregos. Sem filhos, quem realizará os ritos e cuidará de seu túmulo depois de sua morte? Que importa se Jasão já tem filhos? Eu dei a ele os filhos, eu tiro...

IFIGÊNIA – *(em pé, pausada e digna)* Afastem-se de mim. Sumam com essas cordas e essa mordaca. Eu já entendi tudo. Que boba que eu fui! Pensei que vocês *(aponta para a*

platéia) estavam aqui para participar do meu casamento... Na verdade, vocês, que são os guerreiros gregos, estão presos nessa praia de Áulis porque Ártemis nega os ventos aos navios que deveriam levá-los para Tróia. E vocês querem ir para Tróia, pois é na guerra que é forjada a glória dos heróis. Se Ifigênia não morrer, se ela não for sacrificada, não haverá guerra. Sem o sacrifício de Ifigênia não haverá vento. E vocês ficarão mofando aqui, ou voltarão frustrados para os seus reinos.

MEDÉIA – (*adoçando a voz*) Matar meus filhos, que idéia louca, impossível, ato ímpio e indizível, como posso pensar algo assim? Meus filhos, luz dos meus olhos! (*endurecendo*) Mas Jasão tem que sofrer! Por que só eu deveria sofrer o abandono, a solidão, o desprezo? (*adoçando a voz*) Mas eles são meus, como esquecer a preocupação, o medo e a dor de seus nascimentos e depois a maravilha que foi quando a parteira os colocou em meus braços e então eu os vi pela primeira vez, eles que eram a recomposição da família que eu destruíra no passado e promessas de futuro e de abrigo para a minha velhice?

IFIGÊNIA – Eu vim para Áulis pensando cumprir esse destino miúdo das mulheres, o destino de uma vida apagada dentro das paredes de uma casa, o destino das vidas sem história, sem mais nem menos, composta apenas de pequenos atos, cozinhar e tecer, sem sustos, sem os feitos heróicos que movem os homens. Eu vim sonhando apenas ser uma mulher.

MEDÉIA – (*endurecendo*) Coração tolo! Por que lembra essa felicidade antiga? Poderia eu permitir que Jasão diga a última palavra? Ele tem que pagar! Tem que pagar as minhas lágrimas, ele tem que pagar essas rugas no meu rosto, que vieram por causa das preocupações que ele causou, tem que pagar os meus sonhos e as minhas esperanças perdidas, assassinadas pelo seu egoísmo! Tem que pagar a morte de minha juventude! (*adoçando*) Mas meus filhos... Que doçura ouvir as suas vozes infantis, como se fossem os pios de um bando de passarinhos entrando em casa, quando voltam do ginásio gritando mamãe! E estendendo os braços para o abraço, a carne macia, morna e fragrante, os cachos de cabelo como fios de seda brilhante!

IFIGÊNIA – Não! De mim se espera muito mais do que os sonhos tolos que eu tinha. Não serei esposa, não serei mãe, não conhecerei essa alegria. É com os meus próprios pés que vou para o altar de sacrifício. Aceito as bodas com Tánatos, o deus da morte. Por que, para mim, esse véu negro de luto é mortalha e em mim fica melhor do que as roupas de noiva. Afinal, combina com o noivo escolhido por meu pai. Mas fique claro que eu assumi a escolha, **eu quero assim!**

MEDÉIA – (*endurecendo*) Não! Não permitirei que Jasão ria por último. Jasão me destruiu, eu o destruirei também! (*adoçando*) Mas eles são meus filhos, matá-los é enterrar a espada na minha própria carne... (*endurecendo*) Não! Não abandonarei a minha

prole, permitindo que estranhos os criem, submetendo-os à vontade de outros, deixando que se tornem como navios abandonados ao sabor das vagas e das tempestades! Protegerei os meus filhos como a leoa, que diante do perigo devora a ninhada, pois assim ela está novamente protegida no seu ventre! Não permitirei que estranhos os matem, melhor que encontrem a morte pela mão de quem mais os ama. Jasão me destruiu, eu o destruirei de volta, e para isso é preciso que eu esfaque esse coração feminino que bate no meu peito, é preciso que eu sufoque os sentimentos que ainda vivem em mim, é preciso que eu sangre no que há de mais precioso de minha vida. Matando meus filhos, a mulher que vive em mim morre com eles, mas pelo menos retomo as rédeas de meu destino e minha honra estará resguardada. Ainda serei Medéia, princesa de Cólquida, sobrinha de Circe, feiticeira e sacerdotisa de Hécate, que vive no mundo dos mortos!

IFIGÊNIA – Essa é a minha vontade! Eu não quero morrer, mas assumo a escolha de me sacrificar e morrer. Pois, para que o sacrifício seja válido, a vítima deve consentir... E no futuro, quando os poetas cantarem os feitos dos heróis da Guerra de Tróia, quando essas maravilhas embalem os sonhos e os banquetes dos nobres e quando exemplos dos guerreiros forem usados na formação dos jovens, todos serão obrigados a admitir que tudo isso só foi possível pela coragem de uma donzela, Ifigênia, que ao aceitar a morte liberou os ventos que sopram em direção ao Oriente, que tomou em suas mãos o seu destino, abraçou a morte e tornou possível o canto que enaltece a glória dos heróis. É aí que reside a honra dessa mulher que sou eu, Ifigênia.



